

Ideia Filosófica e Sistema

Philosophical Idea and System

JOÃO ALBERTO WOHLFART¹

Resumo: O objeto do artigo é desenvolver uma interpretação do parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* na perspectiva da reconstrução da estrutura e do movimento de autoconstrução do sistema filosófico hegeliano. O pequeno parágrafo contém vários indicativos acerca da estrutura global, tais como os movimentos próprios da cada círculo, as relações entre os círculos filosóficos e a relações do círculo dos círculos com as esferas particulares. Como o texto se situa na introdução ao sistema enciclopédico, o propósito é explicitar os componentes sistemáticos do pensamento hegeliano constatados na organização do sistema, nas correlações entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real e nas relações globais que o constituem. A espinha dorsal da abordagem será a articulação entre o todo filosófico e as suas respectivas partes a partir de leituras proporcionadas por vários comentaristas.

Palavras-chave: Círculo dos círculos. Hegel. Sistema. Todo filosófico. Filosofia do Espírito.

Abstract: The object of this paper is to develop an interpretation of paragraph 15 of the Encyclopedia of the Philosophical Sciences in view of the reconstruction of the structure and movement of the self- Hegelian philosophical system . The short paragraph contains several indications about the overall structure , such as the proper motions of each circle , the relationship between the philosophical circles of circles and circle relationships with the private spheres . As the text is in the introduction to the encyclopedic system , the purpose is to explain the components of Hegelian thought sistemáticos observed in the organization of the system , the correlations between Science Logic and Philosophy of Real and global relations that constitute it. The backbone of the approach is the link between the philosophical and all their respective shares from readings provided by various commentators .

Keywords: Circle circles. Hegel's system. All philosophical. Philosophy of Spirit.

¹ Professor Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE). E-mail: joao@fabemaru.edu.br.

1. Introdução

O objeto do artigo é uma investigação acerca da estrutura do sistema filosófico exposta por Hegel em sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. A abrangência da argumentação é, ao mesmo tempo, vastíssima e superficial e, por outro lado, restrita e aprofundada. Pretende-se esboçar a especificidade das partes do sistema, as suas inter-relações sistemáticas, os sentidos e os movimentos de fundamentação e as relações entre a Ideia universal e os círculos particulares da filosofia. A perspectiva de fundo é proporcionar uma visão ampla do sistema filosófico hegeliano, a sua estrutura interna, o dinamismo metódico que integra a especificação e a particularização e a universalização e a totalização na condição de movimentos estruturantes.

O artigo tem como objeto a análise do parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* onde Hegel expõe sinteticamente os componentes e os movimentos estruturantes do sistema filosófico. Em palavras mais claras e precisas, trata-se do movimento dialético entre a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* que constitui o sistema filosófico em sua totalidade. O parágrafo indicado de apenas poucas linhas de extensão se encontra na introdução à primeira parte da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* na qual Hegel resume a grande *Ciência da Lógica*. Os densíssimos 18 parágrafos não representam apenas uma introdução à *Lógica* hegeliana, mas evidenciam os componentes da noção hegeliana de sistema expostos de uma forma mais clara no indicado parágrafo 15, nesta formulação hegeliana:

Cada uma das partes da filosofia é um Todo filosófico, um círculo que se fecha sobre si mesmo; mas a ideia filosófica está ali em uma particular determinidade ou elemento. O círculo singular, por ser em si totalidade, rompe também a barreira de seu elemento e funda uma esfera ulterior. Por conseguinte, o todo se apresenta como um círculo de círculos, cada um dos quais é um momento necessário, de modo que o sistema de seus elementos próprios constitui a ideia completa, que igualmente aparece em cada elemento singular (HEGEL, 1995, § 15).

Em base nestas indicações, o artigo pergunta sobre a concepção e a estrutura de sistema filosófico de Hegel. O pequeno, mas densíssimo e importante parágrafo aqui reproduzido deve ser lido na perspectiva dos múltiplos movimentos integradores das partes do sistema denominadas por Hegel de círculos filosóficos, ou círculos de totalidade. Dada a complexidade do texto, o alcance do artigo será genérico e superficial, pois um aprofundamento filosófico do parágrafo aqui em questão merece a elaboração mais ampla. Neste sentido, o procedimento argumentativo aqui empreendido será uma análise dos pontos estruturantes do parágrafo abordados na perspectiva do movimento dialético típico da filosofia hegeliana. Na limitação espacial de um artigo, não teremos a preocupação com as minúcias da filosofia hegeliana, pois não há como expor os detalhes da *Filosofia do Espírito*, por exemplo, mas serão evidenciados elementos macroestruturais e macrossistemáticos.

A noção hegeliana de filosofia e de sistema é única na História da Filosofia. Ao mesmo tempo em que supera as principais construções teóricas da tradição filosófica, as atualiza, as transforma e as reintegra na sua exposição sistemática. A mesma observação vale também para a filosofia kantiana e para o Idealismo Alemão de cujo caminho filosófico o sistema hegeliano constitui o resultado mais amadurecido. No modelo hegeliano aqui analisado a partir do parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* os sistemas de Spinoza, Kant, Fichte e Schelling são dissolvidos, reconstruídos, atualizados e reconduzidos ao desenvolvimento sistemático da estrutura e das relações fundamentais.

2. As Partes da Filosofia

Para a constituição de um sistema filosófico, Hegel começa pelas respectivas partes. O projeto filosófico anunciado pelo filósofo no prefácio à *Fenomenologia do Espírito* no sentido de construir um sistema de ciência começa pela denominação dos componentes como respectivas partes. Nesse procedimento metódico, fica plausível o ponto de partida pelas partes mais restritas e a continuidade metódica no processo de ampliação, complexificação e a integração das diferenças numa totalidade mais ampla.

A mesma observação pode ser feita pelo viés epistemológico segundo o qual o conhecimento imediato e parcial é mais simples, enquanto a visão mais ampla é mais difícil.

A primeira “parte” da filosofia é a *Ciência da Lógica*. Para Hegel, na *Lógica*, “a ideia é o pensar, não como pensar formal, mas como a totalidade, em desenvolvimento, de suas determinações e leis próprias, que a ideia dá a si mesma: e não que já tem e encontra em si mesma” (HEGEL, 1995, § 19). A primeira parte do sistema filosófico trata do desenvolvimento do pensar compreendido como exposição da estrutura do pensamento em seu próprio movimento de constituição. O sistema de pensamento é uma totalidade em construção em função do encadeamento racional das determinações do pensar, desde a estrutura categorial da *Lógica do ser*, passando pela *Lógica da essência* e conclui o processo na *Lógica do conceito*. A *Ciência da Lógica* é uma obra de fundamental importância porque o seu movimento lógico global desdobra-se no processo de exposição das outras partes da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e outras obras que formam a chamada Filosofia do Real. A obra começa com as determinações vazias e abstratas da *Lógica do ser*, numa espécie de vazio universal que se identifica com o nada. A indeterminação e vazio do ser tem como determinação o nada cuja síntese atualiza-se no devir, que, enquanto ser, caracteriza um determinado nível de realização e, enquanto nada, denota a irrealização permanente. A *Lógica da essência* caracteriza a estrutura da reflexividade do pensamento cuja substancialidade da essência integra como constitutivas a aparência e os acidentes. O resultado desse grande livro é a identificação dialética entre a estrutura da substancialidade e a multiplicidade relacional no sistema de relações na relação de substancialidade, na relação de causalidade e na ação recíproca (*Wechselwirkung*). A *Lógica do conceito* transforma a predominante objetividade da essência na subjetividade e intersubjetividade do conceito cuja estrutura de universalidade, particularidade e singularidade integram a interiorização da essência e a exterioridade do ser na estrutura do método que permanentemente amplia a sua estrutura e aprofunda, simultaneamente, a lógica da subjetividade.

A segunda “parte” do sistema filosófico é a *Filosofia da Natureza*. Para Hegel, “a natureza mostrou-se como a ideia na forma de ser-outro” (HEGEL, 1995, § 247). A natureza não é o outro da Ideia, mas a Ideia na sua diferença, na sua exterioridade. Para o filósofo, a atribuição de exterioridade para a natureza lhe advém da dispersão de suas determinações e de suas estruturas somente sistematizadas coerentemente com a ação da Ideia. Em outras palavras, a Ideia permanece indivisível em sua divisibilidade e confirma a sua racionalidade ao determinar-se na diferença da natureza. Para Hegel, “nesta exterioridade têm as determinações de conceito a aparência de um subsistir indiferente e da singularização de umas diante das outras; o conceito é por isso como algo interior. Aliás, a natureza não mostra no seu ser-aí nenhuma liberdade, mas apenas necessidade e contingência” (HEGEL, 1995, § 248). À natureza aplicam-se as determinações da necessidade e da contingência porque organizada pela lei da gravidade e pelo acaso da contingência quando, por exemplo, o vento dispersa as sementes e elas vêm a se transformar em novas árvores. A esfera da natureza ainda não alcançou a qualidade da liberdade somente conquistada pelo universo do Espírito, mas ela se desenvolve a partir de uma sistemática de degraus dos quais um procede do outro anterior e o supera sistematicamente. Em outras palavras, no sistema da natureza há um desdobramento sistemático de estágios racionalmente organizados em esferas cada vez mais concretas, amplas e universais. Assim, começa a *Filosofia da Natureza* com a gravitação universal da mecânica newtoniana e a indiferença da materialidade e da corporeidade universais, determina-se na individualidade e no movimento dos corpos e conclui com as determinações da orgânica, na natureza geológica, na natureza vegetal, no organismo animal e estrutura celular. O estágio de degraus da *Filosofia da Natureza* que se expõem imanentemente na sequência de determinações circulares caminha sistematicamente em direção à subjetividade e ao espírito, aliás, conclui no estágio imediatamente anterior à subjetividade.

A terceira “parte” do sistema filosófico é a *Filosofia do Espírito*. Para Hegel, “pois já não se situa, de um lado, uma atividade exterior ao objeto, de outro um objeto simplesmente passivo; mas a atividade espiritual dirige-

se a um objeto ativo em si mesmo – a um objeto que se elaborou a si mesmo”[...] (HEGEL, 1995, § 381, *Zusatz*). Em poucas palavras, a *Filosofia do Espírito* pode ser caracterizada como uma esfera orientada pela autodeterminação da liberdade na qual são conjugadas a interioridade da subjetividade e a efetividade da objetividade como uma estrutura real que expõe autonomamente a sua própria inteligibilidade racional. No universo da *Filosofia do Espírito* penetram a racionalidade da *Ciência da Lógica* que aqui se configura na condição de Ideia da liberdade e a materialidade da *Filosofia da Natureza* que aqui se configura com segunda natureza na sociedade e na história. Os componentes estruturantes do Espírito são a subjetividade individual basicamente determinada pelo espírito teórico do conhecimento e pelo espírito prático da liberdade. O espírito objetivo é o grande círculo que integra a *Filosofia da História universal*, a sistemática da exposição da *Filosofia do Direito* (desde o direito até a História mundial) e na tensão entre o espírito do povo e o espírito do mundo (*Weltgeist*). O que marca o espírito objetivo é a universalização da intersubjetividade como uma interconexão das subjetividades individuais configuradas em vários graus de organização éticos, tais como a comunidade, o Estado, a federação de Estados e o Direito internacional. A última configuração da *Filosofia do Espírito* é o Espírito Absoluto no qual Hegel identifica dialeticamente Filosofia e História da Filosofia, autoconhecimento de Deus e conhecimento do homem de Deus, finitude e infinitude, sistema filosófico e desenvolvimento histórico da própria filosofia.

Os círculos brevemente expostos em suas caracterizações básicas não se restringem à condição de partes isoladas das outras, mas necessariamente aparecem na dinâmica global do sistema filosófico. Os círculos particulares aparecem como totalidades filosóficas em função da abrangência sistemática que as constitui e pelo grau de universalidade que lhes é ínsito, na condição universos temáticos relacionados a outros sistemas racionais. Mas os círculos são totalidades em função da determinação e autodeterminação da Ideia filosófica na configuração própria de cada esfera. A Ideia filosófica é uma substancialidade racional e uma inteligibilidade fundamental que perpassa as partes da filosofia e as interliga transversalmente como momentos constitutivos do processo de

totalização sistemática da filosofia. Neste sentido, a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* são internamente perpassadas pela Ideia filosófica que se autodetermina nessas condições particulares, ao mesmo tempo em que cada uma dessas esferas específicas a expõe nas suas próprias condições racionais e sistemáticas. Por essa razão, cada um dos círculos filosóficos é configurado como parte e como totalidade, compreendendo a dupla acepção lógica de particularidade e de universalidade. Cada uma das esferas assume a função da particularidade na diferenciação em relação às outras; e cada uma assume a função da universalidade porque contém intrinsecamente a inteligibilidade da Ideia filosófica.

3. A Organização do Sistema

A interpretação do parágrafo acima não se restringe à identificação e diferenciação das partes, mas na integração conjunta delas e na dinâmica da organização global enquanto sistema filosófico. Cada um dos círculos constitutivos cumpre o seu ciclo, perfaz o desenvolvimento de seus momentos estruturantes, caracteriza-se, por esta razão, como uma parte autônoma. Mas, por outro lado, cada qual se abre no estabelecimento dos fundamentos da esfera subsequente, tal como da abertura da *Ciência da Lógica* surge a *Filosofia da Natureza* e tal como da abertura das duas primeiras esferas surgem os fundamentos da *Filosofia do Espírito*. Dessa forma, da combinação dialética entre as três estruturas do sistema filosófico, resulta o equilíbrio entre a autonomia e determinidade próprias de cada qual, e a fundamental intercomunicação e abertura recíproca de cada esfera em relação às outras. Nessa organização interna, a autonomia e especificidade é a condição para a dinâmica das inter-relações, e a sistemática da inter-relacionalidade é a condição para o estabelecimento da autonomia de cada círculo.

A estrutura do sistema filosófico, tal como esboçada no supracitado parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, pode ser representada por um conjunto de imagens geométricas que evidenciam a complexidade de sua auto-organização sistemática. A primeira dimensão de

sua estruturação é a horizontalidade da sucessão das esferas filosóficas advindas da integração entre o fio condutor da universalidade da Ideia filosófica e a multidimensionalidade dos diferentes círculos aqui indicados. Da abertura da *Ciência da Lógica* na constituição da *Filosofia da Natureza* e da abertura dessas na constituição da *Filosofia do Espírito* resulta uma configuração tipicamente moderna na estrutura de horizontalidade. Não se trata, porém, de uma justaposição exterior no sentido de estarem exteriormente relacionadas, mas de uma consubstancialidade global e interdeterminação relacional multilateral que as integra num formato de interdisciplinaridade e intersubjetividade universal. Em caso de uma representação do sistema de círculos num quadro de lousa interativa, para citar um recurso tecnológico avançado, as três partes do sistema aparecem parcialmente integradas em espaços mutuamente partilhados e em espaços autônomos e próprios. Em outras palavras, a progressão dialética intraesférica, uma dinâmica que perpassa os pilares estruturantes de cada esfera e consolida a sua própria autocircularidade, integra nesse processo a progressão interesférica na múltipla passagem de uma para a outra. Hegel expõe estes componentes de forma sistemática e didática como momentos estruturantes da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, na introdução à *Filosofia da Natureza* como passagem da *Ciência da Lógica* na *Filosofia da Natureza*, e na introdução à *Filosofia do Espírito* a passagem da *Filosofia da Natureza* na *Filosofia do Espírito*. A sistemática global das combinações entre a progressão intraesférica e interesférica é exposta por Hegel na introdução ao primeiro volume da *Enciclopédia (Ciência da Lógica)* e no texto conclusivo da *Filosofia do Espírito* onde Hegel expõe a sistemática do Espírito Absoluto.

A segunda representação geométrica do sistema filosófico é a verticalidade. A exposição da horizontalidade transpõe-se metodicamente na estrutura da verticalidade, não como um modelo clássico organizado de cima para baixo, mas num autodesenvolvimento imanente sistematicamente organizado e internamente diferenciado que expõe estruturas de efetividade cada vez mais amplas e subjetivamente reflexivas. Para a obtenção desse componente sistemático o grau de abrangência e o nível de universalidade é diferenciado entre as esferas. A passagem da *Ciência da*

Lógica na Filosofia da Natureza e destas na *Filosofia do Espírito* caracteriza um processo de universalização concreto segundo o qual a *Filosofia da Natureza* é mais ampla que a *Ciência da Lógica* e a *Filosofia do Espírito* é mais ampla que as anteriores. Cada uma dessas esferas contém no interior uma dimensão racional da inteligibilidade lógica e caracteriza a estrutura complexa que lhe corresponde enquanto conteúdo efetivo. Assim, para caracterizar a verticalidade como uma dinâmica de universalização concreta e progressiva, a passagem da orgânica como uma estrutura da Natureza na subjetividade individual, caracteriza um momento de qualificação e de composição do sistema. Nessa passagem, a Natureza é significada pelo conhecimento teórico da subjetividade e a subjetividade é efetivada na liberdade. A passagem do espírito subjetivo para o espírito objetivo é outro significativo momento de estruturação do sistema filosófico, movimento correspondente à passagem da subjetividade pessoal na estrutura de intersubjetividade da eticidade e da História. No sistema de eticidade hegeliano, uma subjetividade pessoal desdobra-se em outras subjetividades, em estruturas comunitárias de intersubjetividade e na esfera ampla da História universal num processo de substancialidade relacional, dinâmica que retorna à subjetividade na condição de uma forma de subjetivação da totalidade. A passagem do espírito objetivo para o Espírito absoluto caracteriza um novo nível de autodeterminação do sistema filosófico no qual o absoluto, o universo e a história são traduzidos no pensamento filosófico sistemático.

Outra imagem representativa do sistema filosófico é a circularidade. Ela integra sinteticamente os componentes anteriores de horizontalidade e de verticalidade. Numa primeira aproximação, a imagem sistemática da circularidade é dada pelas três partes do sistema filosófico, pois a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* constituem círculos diferenciados e sistematicamente integrados. Num segundo momento, a estrutura global do sistema filosófico também se constitui em formato de círculo, pois a conjugação entre o movimento de progressão que tem a *Filosofia do Espírito* como ponto de chegada e o retorno do Espírito à Lógica completa o círculo do sistema filosófico hegeliano. Nele, a determinação da Lógica em relação ao Espírito é menos intensa que o processo inverso, pois o

caminho de sistematização entre o primeiro círculo e o último círculo forma uma significativa autonomia para a última, de forma que a *Filosofia do Espírito* transforma a *Ciência da Lógica* em determinação imanente. Como o universo do Espírito aparece na condição de síntese entre *Ciência da Lógica* e *Filosofia da Natureza*, a *Filosofia do Espírito* não é apenas uma parte do sistema filosófico, mas em sua totalidade é uma *Filosofia do Espírito*. Como dentro da totalidade do sistema há um caminho de expansão e de universalização concreto, lógica segundo a qual o Espírito figura como esfera mais ampla, no caminho de retorno a *Filosofia do Espírito* estende um círculo que reintegra as outras esferas como determinações suas. Segundo Richard Kroner

A palavra sistema não significa em Hegel em nenhum de seus conteúdos uma forma exterior; o sistema hegeliano não pretende ser apenas um sistema de ciência; muito mais o Espírito é para si mesmo sistema e para si mesmo Espírito: o sistema é para si o Absoluto, porque o absoluto é Espírito. A Lógica como parte do sistema é nisso um elo na totalidade orgânica, que só é verdadeira e só possui vida se faz parte da vida do Espírito e se organiza na perspectiva da totalidade. A Lógica é na sua parte o sistema mesmo, mas ela é apenas sistema quando é suprasumida como parte (KRONER, 1961, b.2, p. 301).

O citado filósofo alemão dá uma relevante contribuição na elucidação das relações entre *Ciência da Lógica* e Sistema Filosófico, tal como formulado por Hegel. Mas essa construção filosófica é situada na reconstrução do caminho sistemático da racionalidade filosófica entre Kant e Hegel, desde a crítica da razão kantiana, passando pela Doutrina da Ciência fichteana, pelo Sistema de Identidade schellinguiano e consolidando a exposição com o sistema da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Para Kroner, esta obra hegeliana significa o ponto de chegada e o ponto culminante do Idealismo Alemão e a obra mais rica e completa dessa tradição filosófica. Nela são negados e reintegrados a crítica kantiana, a Doutrina da Ciência fichteana, o Sistema de Identidade schellinguiano no movimento sistemático típico da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. Merece destaque nesta obra de Kroner a exposição da relação entre a *Ciência da Lógica* e o Sistema Filosófico e, no final, a exposição do significado filosófico

da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* quando expõe as relações entre os diferentes círculos do sistema. A *Filosofia do Espírito* é sustentada como o ponto de chegada, tanto da evolução filosófica das principais obras que estruturam o Idealismo Alemão, quanto do autodesenvolvimento sistemático da exposição do sistema hegeliano propriamente dito. É por essa razão que, segundo a ótica de Kroner, a *Filosofia do Espírito* hegeliana se identifica com o sistema filosófico em sua totalidade, com o Absoluto e com a História da Filosofia.

4. Correspondências entre Ciência Da Lógica e Filosofia do Real

Uma discussão ampla a respeito das relações entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real são as correspondências entre esses dois blocos constitutivos da filosofia hegeliana. Isto significa dizer que para cada estrutura categorial e livro da *Ciência da Lógica* há uma efetivação correspondente na sistemática do real. Com isso descartamos a ideia de que a primeira obra contém os princípios racionais posteriormente aplicados em instâncias do real, mas o real se desenvolve racionalmente. Entre os comentaristas de Hegel há claras divergências diante deste problema, podendo ser formulado em vários níveis.

Numa primeira aproximação ao problema, quando o sistema filosófico é considerado no todo de sua fundamentação, a sua expressão como *Ciência da Lógica* corresponde com a Lógica do ser, a sua expressão como Filosofia da Natureza corresponde com a Lógica da essência e a sua expressão como *Filosofia do Espírito* corresponde com a Lógica do conceito. Caso as esferas da Filosofia do Real são correspondidas à homologia com a *Ciência da Lógica*, a mecânica corresponde com o ser, a física corresponde com a essência e a orgânica corresponde com o conceito. Nas estruturas articuladoras da *Filosofia do Espírito*, correspondidas com a estrutura da Lógica do conceito, o espírito subjetivo corresponde com a universalidade do conceito; o espírito objetivo corresponde com a objetividade do conceito e o Espírito Absoluto corresponde com o capítulo final da *Ciência da Lógica* intitulado por Hegel de Ideia absoluta. Quando, por exemplo, as categorias da Lógica do conceito forem correspondidas com o sistema filosófico como

um todo, a universalidade corresponde com a inteligibilidade da *Ciência da Lógica*, a particularidade corresponde com a exterioridade da *Filosofia da Natureza* e a totalidade concreta da singularidade corresponde com a *Filosofia do Espírito*.

O sistema de correspondências pode ser ampliado na configuração da estrutura do sistema filosófico. Como a Lógica do ser trata da exterioridade ilimitada do ser cuja determinação fundamental é o nada; a Lógica da essência trata da reflexão na convergência de opostos como absolutividade e relatividade, substancialidade e acidentalidade; e a Lógica do conceito trata da síntese entre a exterioridade ilimitada do ser e a interioridade da reflexão no círculo permanente de ampliação e interiorização, de subjetivação e objetivação enquanto sistemática de autodeterminação da liberdade. A dimensão macrossistemática da configuração do sistema tem correspondência com esses momentos estruturantes da *Ciência da Lógica*. Assim, a ordem redacional da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* estabelecida na sequência de *Ciência da Lógica*, *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito* apresenta uma ordem imediata na qual a Natureza mediatiza, enquanto a Lógica e o Espírito são mediatizados. Essa ordem corresponde com a imediação típica da Lógica do ser. É sabido que a tendência à circularidade aberta do sistema filosófico hegeliano, conforme exposto acima, não restringe a validade única a essa sequência, mas as determinações do sistema filosófico podem ser deslocados para outros espaços lógicos. Nesse sentido, o Espírito figura como mediação, ocupando a Natureza e a Lógica os outros extremos. A correspondência dessa estrutura com a Lógica da essência é dada pela reflexividade do Espírito subjetivo que pensa a estrutura do sistema filosófico a partir das funções lógicas de seu próprio pensamento. O estabelecimento da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito* como simultaneamente mediatizadas e mediatizadoras da circularidade das relações interesféricas corresponde com a mediação universal encontrável na silogística da Lógica do conceito. Nessa ampla circularidade aberta, cada círculo do sistema é constituído como ponto de partida, como mediação e como conclusão do sistema silogístico, enquanto cada qual mediatiza essas condições a todas as outras.

As correspondências entre *Ciência da Lógica* e Sistema Filosófico podem ser postas numa outra perspectiva de abordagem. Quando Hegel expõe na última parte do sistema filosófico o Espírito Absoluto, e no momento culminante desse sistema expõe a filosofia, não trata de um pensamento filosófico afastado da história, mas trata sistematicamente da História da Filosofia. Para Hegel, Filosofia, História da Filosofia e Sistema Filosófico são a mesma coisa. Para o filósofo, a História da Filosofia é um processo de sistematização da filosofia cuja exposição culmina com o Idealismo Alemão e com o modelo hegeliano. Por essa via, como o pensamento Antigo e Medieval caracterizam-se pela oposição entre Ideia e Existência, entre o trans-histórico e o histórico, entre o espiritual e o material, entre Deus e homem, esse modelo de pensamento corresponde com a abstração da Lógica do ser. Um segundo bloco temático da História da Filosofia constituído no círculo filosófico da Filosofia Moderna, a razão penetra no interior da subjetividade e tudo passa a ser conhecido nessa perspectiva. Nesse círculo filosófico incluem-se a subjetividade cartesiana e o transcendental kantiano correspondente com a reflexividade da Lógica da essência. O Idealismo Alemão de Fichte e de Schelling e o sistema filosófico hegeliano compõem um círculo filosófico em que a objetividade da filosofia grega e medieval e a subjetividade da Filosofia Moderna são conciliadas na sistemática da Ideia absoluta orientada pelo autodesenvolvimento, autodeterminação e autoconsciência do conteúdo. O caminho do Idealismo Alemão até Hegel, e por esta razão corresponde com a Lógica do conceito, marca a síntese entre finitude e infinitude, absolutividade e historicidade em função de que a infinitude representa a totalidade dos finitos inter-relacionados e a finitude corresponde com a densificação sistemática da infinitude. Para Emil Angehrn, “o Sistema, enquanto é uma teoria da História, é teoria da liberdade. Ainda no nível mais elevado, na teoria da filosofia mesma, perpassa a História” (ANGEHRN, 1977, p. 425). Para o filósofo alemão, a Filosofia da História caracteriza a totalidade da sistemática do real e a radicalidade do movimento de automanifestação da razão, motivo pelo qual o sistema filosófico como um todo se identifica com a Filosofia da História.

Um dos principais expoentes da problemática das correspondências entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real é Vittorio Hösle, em sua obra *Hegels System: der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität*. Numa abordagem aprofundada sobre o sistema filosófico hegeliano, o filósofo distingue entre correspondências cíclicas e correspondências lineares. Nas correspondências cíclicas, para cada dimensão da *Ciência da Lógica* há uma parte correspondente no sistema filosófico, assim a Lógica do ser corresponde com a *Ciência da Lógica*, a Lógica da essência corresponde com a *Filosofia da Natureza* e a Lógica do conceito corresponde com a *Filosofia do Espírito*. Nas correspondências lineares Hösle propõe a possibilidade de extensão de duas linhas nas quais a *Ciência da Lógica* ocupa a base da primeira linha e as esferas da Filosofia do Real ocupam a linha superior, expressando os diferentes níveis de efetivação do sistema filosófico.

Outro questionamento sistemático altamente significativo desenvolvido por Hösle nesta parte ainda introdutória diz respeito à estrutura triádica e tetrádica do sistema. Neste esboço, o autor desafia as interpretações mais vulgares da filosofia hegeliana que somente conhecem a divisão triádica amplamente enfatizada pelos manuais de filosofia. A estrutura triádica do sistema é muito conhecida, segundo a qual a *Ciência da Lógica* compreende a Ideia em si e para si, a *Filosofia da Natureza* compreende a Ideia na sua diferença e na sua exterioridade e a *Filosofia do Espírito* o retorno da Ideia a si mesma a partir da exterioridade. A sustentação desta estrutura triádica tem, segundo Hösle, uma consequência negativa de divisão da *Ciência da Lógica* em lógica objetiva e lógica subjetiva e, por consequência, a Filosofia do Real teria duas partes, a Natureza e o Espírito. Nesta configuração da estruturação do sistema hegeliano, a triadicidade global do sistema terá como consequência negativa a eliminação das trilógicas a partir das quais a filosofia hegeliana é tão conhecida. A triadicidade de Lógica, Natureza e Espírito configuradas entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real resulta na incompletude e relacionamento externo das duas ou na completude das duas erroneamente subdivididas. Mas Hösle posiciona-se decididamente favorável a uma divisão tetrádica do sistema hegeliano quando se tem por base a divisão

triádica da *Lógica*. Nesta divisão tetrádica é constituída pela *Ciência da Lógica*, pela *Filosofia da Natureza*, pela Filosofia do Espírito objetivo e pela Filosofia do Espírito Absoluto ou Filosofia da Religião. Esta divisão estrutural da filosofia hegeliana estaria mais em conformidade na determinação das relações entre *Ciência da Lógica* e o sistema filosófico como um todo, encontrando a primeira obra uma estrutura correspondencial mais adequada no sistema filosófico. Aqui Höhle evidencia uma discussão baseada no diálogo com Heede e Theunissen para fundamentar a estrutura tetrádica do sistema hegeliano. Em relação ao primeiro, a sustentação da estrutura tetrádica do sistema está inspirada nos parágrafos conclusivos da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, coincidindo o parágrafo 574 com a *Ciência da Lógica*, o parágrafo 575 com a *Filosofia da Natureza*, o parágrafo 576 com o Espírito objetivo e a Filosofia da História e o parágrafo 577 com a arquitetura do Espírito Absoluto. Nessa interpretação, o sistema filosófico hegeliano é constituído pela *Ciência da Lógica* que se desdobra em três instâncias diferenciadas do real, sendo que a última concentrada no Espírito Absoluto estabelece um ciclo de mediações entre as esferas anteriores. Para Vittorio Höhle:

O que diz respeito ao primeiro ponto, e isso é claro, que uma tripartição da Filosofia do Real é mais satisfatória, pois ela tem em questão uma tripartição da Lógica, que ainda será mostrada, também considerada nos puros fundamentos imanentes da Lógica. As três partes da Lógica corresponderão com as três partes da Filosofia do Real; e isso indica para a plausibilidade para uma tal concepção de sistema que já se encontra em Hegel. Pois a Lógica hegeliana não é bipartida em Lógica objetiva e subjetiva; ela é tripartida em ser, essência e Lógica do conceito (HÖHLE, 1998, p. 146).

Höhle ensaia várias formas e combinações de estruturação do sistema filosófico hegeliano. A opção do filósofo por uma estruturação quaternária é evidente, obtida a partir da distinção entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real e *Ciência da Lógica* e o sistema filosófico como um todo. A primeira possibilidade já foi ensaiada acima quando estabelecemos a possibilidade da correspondência de cada parte da *Ciência da Lógica* com cada círculo do sistema filosófico. Porém, a forma macrossistemática mais

complexa de correspondência é estabelecida por Höle que vincula a Lógica do ser com a *Filosofia da Natureza* e o Espírito subjetivo, a Lógica da essência com o Espírito objetivo e a Filosofia da História, e a Lógica do conceito com o Espírito Absoluto. Dessa forma, nessa proposta de sistema correspondencial, o sistema filosófico hegeliano estaria estruturado na *Ciência da Lógica*, na *Filosofia da Natureza*, na *Filosofia do Direito*, na *Filosofia da História*, na *Filosofia da Religião* e na *História da Filosofia*, como obras estruturantes fundamentais. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* compreende a exposição sintética global dessas obras mais amplas em sua formulação. Questão em aberto diz respeito à suficiência ou não da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* quanto às exigências sistemáticas de integração da horizontalidade, da verticalidade e da circularidade enquanto mediação universal de todas as esferas do sistema, segundo a objeção de Theunissen da necessidade da Filosofia da Religião para a exposição de algumas questões sistemáticas. Mas o sistema de correspondências apresenta outra linha de interpretação. Para Dirk Stederoth

Isto significa o completo sentido da tese que somente uma filosofia do real na determinidade da Ideia absoluta também válida como absoluta filosofia do real. Interpreta-se a exposição enciclopédica da filosofia do real na determinidade da ideia absoluta (o que isto significa mais proximamente será explicitado), não fazendo mais sentido buscar as correspondências entre Lógica e Filosofia do Real, vindo a servir-se da esfera da figuração de Puntel da reciprocidade entre a verticalidade e a horizontalidade (STEDEROTH, 2001, p. 72).

Na contramão dos ensaios desenvolvidos por vários filósofos que tentaram estabelecer um conjunto de correspondências entre a Lógica e a Filosofia do Real, Dirk Stederoth, em sua obra *Hegels Philosophie des subjektiven Geistes*, sustenta que o sistema filosófico hegeliano é uma absoluta Filosofia do Real. Nessa acepção, quando a filosofia hegeliana é exposta na perspectiva da Ideia absoluta, não faz mais sentido buscar em Hegel um paralelismo entre a Lógica e a Filosofia do Real porque a interpenetração do racional e do real é muito mais profunda. O resultado

dessa leitura realizada por Stederoth é o autodesenvolvimento da inteligibilidade racional numa sistemática de autodeterminação em vários níveis de efetividade do sistema, ou, por outro caminho, as diferentes esferas da Filosofia do Real retornam a si mesmas nos diferentes graus de autoconsciência do sistema. O resultado dessa interpretação é que Hegel ultrapassa um possível dualismo kantiano entre razão teórica e razão prática e a indiferença schellinguiana entre subjetividade e objetividade na única esfera da Filosofia da Natureza ao estabelecer a sequência de círculos nos quais o real expressa o movimento da objetividade da subjetividade e o lógico a subjetividade da objetividade. A absoluta Filosofia do Real representa a superação de paralelismos entre o Lógico e o Real na sistemática de círculos de mediação onde a dimensão subjetiva contém a objetividade e essa expõe a subjetividade, resultando em cada “parte” do sistema como a totalidade do sistema filosófico nessa configuração. Da mesma forma, Stederoth também é contra a proposição de Puntel na combinação da horizontalidade e da verticalidade, sistemática na qual o horizontal integra os diferentes componentes da *Ciência da Lógica* (ser, essência e conceito) e a verticalidade as diferentes determinações do real (natureza, subjetividade, objetividade e absoluto). Nessa distribuição, determinações importantes da História da Filosofia podem ser distribuídas neste gráfico segundo um determinado momento da Lógica e segundo uma determinação da Filosofia do Real. A *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* estaria numa expressão racional segundo a qual a horizontalidade e a verticalidade são superadas na circularidade do autodesenvolvimento que conjuga permanentemente o real e o racional.

5. O Círculo Dos Círculos

No parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* aqui em questão aparece a famosa imagem celebrizada por Hegel de círculo dos círculos. Dada a importância da expressão e da significação filosófica dessa imagem, ela aparece nesse texto e no capítulo final da *Ciência da Lógica* intitulado por Hegel de Ideia absoluta. Conforme apontamos acima, o sistema é atravessado e perpassado por uma força racional articuladora do

movimento e da estrutura do sistema filosófico. A Ideia filosófica não aparece de forma indiferenciada em cada uma das esferas filosóficas aqui consideradas, mas na *Ciência da Lógica* é configurada na condição de Ideia absoluta, na *Filosofia da Natureza* é configurada como Ideia de vida e na *Filosofia do Espírito* é configurada como Ideia de liberdade. Esta diferenciação da inteligibilidade fundamental do sistema filosófico se dá porque cada uma das esferas expõe a razão de uma forma diferenciada.

O sistema filosófico hegeliano é organizado em vários círculos. O movimento de exposição desenvolve uma sequência de determinações estruturadas num formato segundo o qual um se encontra enraizado dentro do outro, lógica na qual o último integra os círculos anteriores. É propósito, aqui, de explicitar o significado da expressão hegeliana círculo dos círculos, razão pela qual o sistema não caracteriza um modelo vertical e linear. Círculo dos círculos é uma estrutura transcategorial, transregional e intersistemática cuja expressão principal é a universal interdisciplinaridade do sistema, combinando e integrando os componentes da intersubjetividade universal, da transsubjetividade e do Espírito Absoluto como estrutura integradora. O círculo dos círculos não é uma ideia aprioristicamente preconcebida, mas é resultante do processo sistemático de ampliação e complexificação do sistema filosófico, da tensão entre a interiorização racional e a exteriorização metódica pela qual são constituídos novos círculos de efetividade concreta, da autocircularidade das esferas que constituem a sua estrutura e da intercircularidade na qual estabelecem mediações recíprocas. Portanto, o processo pelo qual as esferas estruturam relações recíprocas, no ciclo próprio que engendra a circularidade e intercircularidade global estabelece o ciclo de uma esfera específica resultante na densidade do círculo dos círculos.

O parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* acima introduzido é comparável ao parágrafo 20 da *Fenomenologia do Espírito* no qual Hegel sustenta que o verdadeiro é o todo. Como é sabido, Hegel não parte simplesmente de um todo já constituído e do qual as particularidades são deduzidas, mas o todo é resultado de um autodesenvolvimento metodicamente ordenado. O todo hegeliano não constitui uma esfera indiferenciada juxtaposta às partes, como também não pode ser

compreendido como uma estrutura que elimina as particularidades, mas caracteriza um sistema de círculos articulados por um círculo mais amplo e universal. Nesta estruturação os círculos particulares de totalidade são entrelaçados segundo os movimentos de totalização e de especificação, de integração e de diferenciação e se efetivam na estrutura de totalidade do sistema. O círculo dos círculos, denominado por Hegel de Ideia filosófica perpassa intrinsecamente os círculos particulares de *Ciência da Lógica*, de *Filosofia da Natureza* e de *Filosofia da História* na condição de inteligibilidade imanente que interliga os círculos, estabelece movimentos transversais entre eles e ultrapassa as determinações particulares como um universo mais amplo que permite um desenvolvimento permanente do sistema. Nesse sentido, considerando as três partes do sistema filosófico, estabelecidas na sistemática de mediações segundo as quais uma é a condição de realização das outras e todas constituem mediações para a estruturação de todas, e progridem no movimento metódico de universalização concreta, o círculo universal constitui um quarto componente sistemático que integra, conforme exposto acima, as esferas anteriores. Assim o círculo dos círculos é resultado dos movimentos interesféricos enquanto universalização desse sistema, quando, por outro lado, a sistemática do todo reaparece em cada um dos elementos. Nessa lógica, o sistema da Natureza é uma particularização de todo o sistema enquanto *Filosofia da Natureza*; o sistema da Lógica é uma particularização de todo o sistema enquanto *Ciência da Lógica*.

O sistema de elementos constitui a Ideia completa. Para Hegel, tão importante quanto a identificação dos elementos enquanto estruturas diferenciadas, é situá-las numa sistemática de totalidade muito mais ampla. A concepção hegeliana de Ideia não é de uma pura racionalidade e idealidade abstrata, mas a sua estruturação num sistema de movimentos de universalização e de particularização, de movimentos intraesféricos e interesféricos caracteriza a sistemática da Ideia. Os círculos filosóficos ou partes do sistema, sejam a *Ciência da Lógica* ou a *Filosofia da Natureza*, são momentos do desenvolvimento da totalidade do sistema e são componentes estruturantes do todo enquanto sistema da Ideia. E nisso está a razão de

que cada parte do sistema filosófico é uma totalidade filosófica, uma configuração do autodesenvolvimento do sistema da Ideia como um todo.

Na sistemática do círculo dos círculos, as esferas filosóficas não são encerradas em limites estanques e estruturadas em relações externas, mas a razão de ser de cada parte é a sua autocontradição interna. Nessa dinâmica, a *Ciência da Lógica* não fica encerrada nos limites e funções que lhe correspondem enquanto lógica, mas ela se exterioriza e se materializa nas outras esferas do sistema e na estrutura da Filosofia do Real. A ação básica da Lógica não é a sua autoestruturação interna e a sua consequente diferenciação em relação às outras partes do sistema, mas na sua autodiferenciação na totalidade do sistema. Nisto ela representa a pulsão imanente de autossistematização e de auto-organização da totalidade do sistema, pois a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* estão estruturadas de forma análoga aos movimentos de categorialidade, intercategorialidade, regionalidade e interregionalidade estruturantes da *Ciência da Lógica*. A autonegação e a autocontradição da Lógica reside na sua formalidade racional estendida numa ontologia enquanto não se restringe às leis do pensamento, mas contém as leis do real e a sistemática de sua estruturação. Se o primeiro círculo do sistema filosófico é lido como uma pura Lógica, ela contém intrinsecamente as determinações da Filosofia do Real, negando-se e afirmando-se na negação de si mesma. Mas a principal negação da *Ciência da Lógica* e a sua consequente positivação é a lógica da Filosofia do Real na condição da autodeterminação do sistema como um todo.

A *Filosofia da Natureza* também não pode ser encerrada em seus limites, mas ela também é marcada pela autocontradição. Na introdução à *Filosofia da Natureza* Hegel sustenta que ela é uma contradição não resolvida. Em relação à Natureza há vários níveis de negação que a suprasseem em outro nível de racionalidade. Numa primeira aproximação, as Ciências da Natureza proporcionam outro estatuto sistemático à Natureza em relação à sua condição de mera exterioridade, independente do conhecimento que dela se tem. A *Filosofia da Natureza* propriamente dita, enquanto conhecimento filosófico da Natureza realizado pelo filósofo nessa condição típica de sistematização proporciona uma significação a essa

esfera do real e a aprofunda em reflexividade e significatividade filosóficas. Nessas condições, o universo da *Filosofia da Natureza* terá a sua significação própria na integração às outras esferas do sistema filosófico e nas dinâmicas globais de organização como um todo. Mas a principal negação e abertura da *Filosofia da Natureza* está na sua suprassunção na Filosofia do Espírito em cujo nível se dá a autodeterminação do real. Nesta última esfera do sistema filosófico a estrutura da Natureza é suprassumida no Espírito ao ser transformada na estrutura da sociabilidade e da intersubjetividade histórica. Por outro lado, a Natureza não é dissolvida e absorvida quando da passagem para o Espírito, mas ela própria é suprassumida na *Filosofia da Natureza*.

A *Filosofia do Espírito* desenvolve a autocontradição no permanente vir-a-ser do Espírito (*sich werdende Geist*). O autodesenvolvimento do Espírito enquanto evolução histórica aparece como filosofia na qual o Espírito se pensa a si mesmo. Em cada importante paradigma histórico da filosofia e em cada modelo de sistema filosófico o Espírito se pensa a si mesmo, conquistando a unidade entre Lógica, Natureza e Espírito. Na estrutura do desenvolvimento da *Filosofia do Espírito* há uma equioriginariedade (*Gleichursprünglichkeit*) entre a exposição das determinações lógicas (*Begriffsbestimmungen*) e as estruturas reais do Espírito, pois nesse universo as estruturas categoriais lógicas também são implícitas à efetividade do Espírito. Na sistemática da *Filosofia do Espírito*, Espírito e Filosofia evoluem no mesmo grau de intensidade, sendo a Filosofia a compreensão e a autocompreensão sistemática do Espírito e esse a efetividade da Filosofia. O Espírito como estrutura do mundo e da História, no sistema de eticidade, da organização política e da organização das macrorrelações globais estabelecidas entre os homens, é filosoficamente compreendido nos sistemas filosóficos de uma época. A estrutura de uma época como nova sistemática do Espírito resulta em nova concepção e estrutura de pensamento filosófico enquanto tempo histórico traduzido nas condições dialéticas da própria filosofia. Nessa dinâmica, a circularidade dialética entre a subjetividade do pensamento filosófico e a objetividade do espírito se dá num processo de diferenciação em que a subjetividade e a objetividade se dão em novas esferas de expressão. Assim, da subjetividade da filosofia resulta uma nova

objetividade histórica que é, por sua vez, pensada numa nova forma de pensamento filosófico, num processo de ampliação em que as duas dimensões alcançam sempre novas instâncias de universalidade. O processo de autodesenvolvimento do Espírito atualiza permanentemente o sistema do Espírito e o sistema filosófico correspondente com essa evolução, traduzindo o passado no eterno presente da razão.

Expomos sinteticamente, na sequência, algumas interpretações da estrutura macrossistemática da filosofia com o objetivo de dar conta da noção hegeliana de círculo de círculos. Pretendemos, brevemente, empreender a exposição de algumas interpretações da filosofia hegeliana na perspectiva da macrossistematicidade. Um significativo expoente da perspectiva da totalidade do sistema filosófico é o filósofo alemão Emil Angehrn, em sua monumental obra *Freiheit und System bei Hegel*, na qual expõe a filosofia hegeliana na perspectiva de um sistema de liberdade. Numa primeira expressão, Angehrn expõe horizontalmente as partes do sistema filosófico, começando pela *Ciência da Lógica*, passando pela efetivação a liberdade na filosofia do espírito objetivo, ampliando para a História e História da Filosofia, concluindo o processo na sistemática do Espírito Absoluto. Nessa trajetória, o filósofo tem a preocupação de expor a passagem de uma esfera para a outra, reconstruir cuidadosamente a estrutura de cada uma das partes e integrá-las no todo do movimento de autodesenvolvimento do sistema. Num último momento, Angehrn desenvolve uma exposição global da filosofia na sua vinculação fundamental ao conteúdo do sistema filosófico, filosofia em sua totalidade como Filosofia da História. A tese central do filósofo alemão consiste em sustentar que a liberdade é o móvel fundamental de todo o sistema filosófico, razão pela qual é configurado como Filosofia da História. Assim, depois de uma exposição horizontal das principais partes da filosofia, elabora a síntese de uma exposição sistemática circular cujos componentes estruturantes são a Filosofia da História, o Espírito Absoluto, o conceito de Filosofia e o sistema de liberdade.

Angehrn expõe o sistema filosófico nas três grandes esferas da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia do Direito* e do Espírito Absoluto. Chama a atenção nessa leitura a total ausência e rejeição explícita da *Filosofia da*

Natureza como parte da filosofia, conforme exposição realizada acima. Angehrn aproxima as três esferas e as divide em quatro partes correlacionadas entre si. Assim como a *Ciência da Lógica* é estruturada em ser, essência, conceito e Ideia, a *Filosofia do Direito* é estruturada em direito, moralidade subjetiva, eticidade e História. Destaca-se, aqui, a correlação entre Ideia absoluta e História, na estrutura da Ideia em círculos diferenciados de subjetividade e de objetividade, de inteligibilidade lógica e estruturas de totalidade correlacionadas com a dinâmica da História universal estruturada na subjetividade e interioridade dos sistemas filosóficos e da sistemática objetiva das épocas, das civilizações e das formas de organização política. A subjetividade do pensamento filosófico e a estrutura das épocas superam-se e diferenciam-se na atualização qualitativa da sucessão de épocas e formas sistemáticas de pensamento filosófico. Na filosofia do Espírito Absoluto, última esfera da filosofia hegeliana, Angehrn propõe a reconciliação entre o absoluto e a história, entre Filosofia da História e Filosofia, entre finitude e infinitude, numa radical automanifestação no processo histórico. Angehrn escreve:

Liberdade foi dada como centro e ponto angular do Sistema. A filosofia como um todo se expressou como conceito de liberdade como a determinação essencial de uma teoria de liberdade. Partindo de dois pontos de vista a serem especificados, o que significa para o Sistema, que a sua forma e o seu conteúdo são constituídos no conceito de liberdade. O Sistema é teoria de liberdade, no qual é por um lado Filosofia da História, por outro, teoria do Espírito Absoluto e, por último, teoria da filosofia, ou filosofia que a si mesma se concebe. É demonstrada a unificação real entre o fim do Sistema e a conclusão da História da Filosofia. Num sentido análogo o desdobramento histórico representa para o conjunto da esfera do Espírito Absoluto momento essencial, no resultado conjunto das instâncias fundamentais a partir de cada uma. A fundamental dimensão histórica do vir-a-ser da consciência do Espírito em si mesmo que na correspondência de História do mundo, História da ciência e filosofia sistemática expressa, há uma congruência entre o conteúdo da História e o conteúdo da Filosofia mesma (ANGEHRN, 1977, p. 420-421).

No conjunto da obra *Freiheit und System bei Hegel*, o texto inserido é de fundamental importância para a compreensão do conjunto da obra. Para o autor, a filosofia hegeliana é um sistema de liberdade, razão pela qual a liberdade é a força articuladora e estruturadora do sistema como um todo. Três são as dimensões constitutivas e estruturantes da liberdade. A primeira dimensão do sistema de liberdade é a Filosofia da História enquanto desdobramento histórico das determinações de liberdade e automanifestação efetiva a própria razão. Nessa ótica, a filosofia não caracteriza uma pura especulação afastada do mundo real, mas ela é determinada como racionalidade imanente que se desdobra nas épocas, nas civilizações e na organização ético-política da liberdade. A Filosofia da História não é uma razão aplicada à história, mas o próprio desabrochar imanente do real de cujo processo brota a racionalidade filosófica. Uma outra dimensão do sistema de liberdade é o Espírito Absoluto, uma visão de totalidade na qual as partes estão integradas na forma de interrelacionalidade global. Não se trata mais da disposição horizontal das partes, tal como pode ser constatado na ordem de redação da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, mas as partes estão estruturadas na forma de um círculo universal onde cada qual passa pelas outras, transforma-se nas outras e retorna a si mesma pela mediação das outras. Na esfera do Espírito Absoluto todos os círculos do sistema filosófico cumprem as funções lógicas de universalidade, particularidade e singularidade, razão pela qual concentram a totalidade do sistema na configuração particular própria. O sistema de liberdade, na condição do Espírito Absoluto, caracteriza a autoconsciência de si mesmo da totalidade do sistema. A outra dimensão é a teoria da filosofia formulada como uma História da Filosofia. Para Hegel, Filosofia, História da Filosofia e Sistema Filosófico constituem o mesmo estado de coisas, pois, a filosofia evolui através das formas sistemáticas de exposição realizadas ao longo do tempo e se constitui, por essa razão, em História da Filosofia cujo movimento de exposição caracteriza a autossistematização enquanto Sistema Filosófico. A teoria da filosofia que a si mesma se concebe consiste no exercício realizado por Hegel do olhar filosófico retroativo para a História da Filosofia organizada no movimento e na estrutura do sistema filosófico. Neste sentido, a teoria da filosofia, muito

mais que uma pura filosofia, é a filosofia enquanto História da Filosofia compreendida nos vários desdobramentos de conceitos, estruturas conceituais e sistemas filosóficos.

Para determinar o significado hegeliano do círculo dos círculos, conforme indicação do parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, o capítulo final formulado por Emil Angehrn em sua obra *Freiheit und System bei Hegel* é sugestivo. O caráter macrossistemático do sistema de liberdade é a interpenetração das dimensões da Filosofia da História, do Espírito Absoluto e da teoria da filosofia. No movimento cíclico de exposição cada uma dessas dimensões elencadas será a totalidade do sistema, efetivado numa determinada configuração. Em outras palavras, cada uma das dimensões é a dimensão sintética da filosofia hegeliana que se desenvolve, nessa instância, num multidimensional processo de totalização. O filósofo registra a coextensividade entre a história do mundo diretamente acompanhada pela história da ciência e traduzida no sistema filosófico. As três dimensões aqui elencadas seguem uma dinâmica segundo a qual cada uma contém as outras como suas determinações, dependendo da posição em que se encontram. A Filosofia da História e a História da Filosofia são determinações do Espírito Absoluto, pois a História universal é a sua automanifestação e a História da Filosofia a sua sistematização em forma de pensamento. Da mesma forma, a Filosofia da História é suprasumida no Espírito Absoluto como uma passagem da temporalidade na intemporalidade, do progressivo processo de atualização na atualidade permanente do sistema filosófico, da manifestação da razão no sentido de que a *Ciência da Lógica* se exterioriza nos universos da Natureza e do Espírito na automanifestação permanente. Na exposição empreendida por Angehrn, a confluência cíclica entre Filosofia da História, Espírito Absoluto e Filosofia da Filosofia resulta numa Absoluta História no ciclo de temporalização e intemporalização e na exposição da filosofia como um processo simultâneo de desenvolvimento histórico e autodesenvolvimento sistemático. Com essas considerações, a noção de círculo dos círculos resulta de uma exposição conjunta e integradora das partes antes expostas separadamente.

Outro significativo expoente da dimensão macrosistemática da filosofia hegeliana é Michael Theunissen. Para início de conversa, o filósofo sustenta que a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, do ponto de vista metódico e sistemático, é uma inadequada e insuficiente exposição. Em função da mediação exercida pela *Filosofia da Natureza*, não sendo exposta sistematicamente outra mediação na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, Theunissen sustenta que a *Filosofia da Religião* responde a todas as exigências de sistematicidade na filosofia hegeliana. Em outras palavras, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* necessita da complementação da Filosofia da Religião para tornar-se completa. Em poucas palavras, a tese de Theunissen pode ser assim esboçada:

A sistemática tese, que queremos esclarecer, diz: a filosofia hegeliana do Espírito Absoluto repousa num sistema que é concebido no mesmo caminho como uma história filosófica e uma religião filosófica. Filosofia da História não é uma disciplina particular, mas o Sistema Hegeliano como um todo, assim que na mesma universalidade é uma Filosofia da Religião. Somente na plataforma de tal coincidência entre pensamento histórico e religioso pode a teoria do Espírito Absoluto ser um tratado político religioso [...]. Primeiro é preciso esclarecer como a totalidade do Sistema é uma Filosofia da História. A pressuposição para isso repousa numa extensão incomum da concepção hegeliana de História. Esse conceito precisa ser tão extenso como o conceito de Espírito, que define a filosofia hegeliana em sua totalidade. Nesse ato confluem para Hegel Espírito e História (THEUNISSEN, 1970, p. 60-61).

Para Theunissen, a Filosofia da História não é apenas uma parte ou uma disciplina particular no universo do sistema filosófico hegeliano, mas a totalidade do sistema é uma Filosofia da História. Na mesma medida e no mesmo grau de universalidade, o sistema filosófico é uma Filosofia da Religião. Numa primeira aproximação, do ponto de vista sistemático, essa tese tem uma explicação simples: A *Filosofia do Espírito*, terceira parte do sistema filosófico, enquanto síntese entre os universos da *Ciência da Lógica* e da *Filosofia da Natureza* é, ao mesmo tempo, uma Filosofia da História e uma Filosofia do Espírito. Nessa equioriginaridade de duas referências de universalidade, a Filosofia da História é configurada como a totalidade da

automanifestação do Espírito Absoluto e esse como a universalidade da autoconceituação da História universal. Do sentido que conduz do Espírito Absoluto para a Filosofia da História é a pura imanência do autodesenvolvimento intrínseco espiritual, enquanto a transcendência imanente caracteriza a permanente superação do Espírito Absoluto em relação à configuração atual da História. A história universal aparece como a história do Espírito, e o Espírito como a recondução da história à universalidade. Para Theunissen, a relação entre História e Espírito é uma combinação entre extensão e autodiferenciação permanentes e a recondução à unidade espiritual. Trata-se do círculo da Ideia absoluta formulado por Hegel no final da *Ciência da Lógica*, aqui efetivado numa sucessão de círculos em que se ampliam a universalidade espiritual e a realidade histórica. O círculo dos círculos como objeto de análise da presente seção aparece aqui na dinâmica de integração entre Filosofia, Filosofia da História e Filosofia da Religião.

Para a sustentação desta tese, Theunissen empreende uma exegese dos parágrafos correspondentes à seção final da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (553- 577) nos quais Hegel faz uma exposição da sistemática do Espírito Absoluto constituída pela arte, pela religião e pela filosofia. Sem entrar nos detalhes dessa exposição, pois isso excederia os limites de um artigo, o que chama a atenção é a ênfase dada por Theunissen aos silogismos da Religião e da Filosofia. Na Filosofia da Religião, cada categoria do conceito corresponde com uma pessoa da Trindade cristã, assim como o Pai corresponde com a categoria da universalidade, o Filho corresponde com a categoria da particularidade e o Espírito Santo corresponde com a categoria da singularidade. Mas a complexidade dessa exposição silogística destacada por Theunissen não consiste nessa simples associação de uma categoria do conceito com uma determinada pessoa da Trindade, mas a cada pessoa corresponde uma estrutura silogística. Em outras palavras, como cada pessoa compreende em si mesma as outras como uma forma de síntese dessa diferença, corresponde-lhe um silogismo. Mas o comentarista de Hegel analisa os silogismos da Filosofia e vincula as categorias do conceito a cada uma das esferas do sistema filosófico, quando a *Ciência da Lógica* caracteriza o momento da universalidade, a

Filosofia da Natureza o momento da particularidade e a *Filosofia do Espírito* o momento da singularidade. A estrutura circular dessa sistemática que culmina com o parágrafo 577 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* resulta num movimento no qual a estrutura de mediação caracteriza a imanência do sistema filosófico transformada no extremo da imanência quando os extremos são qualificados como mediação. Isso significa dizer, em outras palavras, que cada uma das esferas do sistema filosófico aparece como começo, como mediação e como conclusão, condição sistemática na qual os extremos são suprassumidos em meios. Neste formato, a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* exercem simultaneamente as funções de começo, de mediação e de fim, na universalidade absoluta em que a cada uma se aplicam as categorias racionais de universalidade, particularidade e singularidade. Nesta configuração, o sistema filosófico caracteriza uma estrutura de totalidade reconduzida a si mesma (*zurückgekehrte Totalität*). Para Höhle,

Segundo Theunissen o primeiro silogismo corresponde com a *Enciclopédia* como um todo, o segundo com a *Fenomenologia do Espírito*, o terceiro talvez com a *Filosofia da Religião*, lida na perspectiva da *Enciclopédia*, universalmente se completa o terceiro silogismo no horizonte da *Filosofia do Espírito Absoluto*, com o qual Theunissen pretende unificar a *Filosofia do Espírito objetivo* (HÖSLE, 1998, p. 144).

Michael Theunissen interpreta a macrossistematicidade da estrutura do pensamento hegeliano como um sistema de silogismos. A sequência de *Lógica, Natureza e Espírito* (LNE) corresponde com a sequência redacional da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* enquanto estrutura da totalidade do real e do sistema do universo em processo de autodeterminação permanente. O segundo silogismo cujo formato é dado pela sequência de *Natureza, Espírito e Lógica* (NEL) é a estrutura correspondente à *Fenomenologia do Espírito* e o seu lugar na totalidade do sistema. Essa função é dada a essa importante obra hegeliana em função da necessária interpretação subjetiva e filosófica realizada pelo filósofo que aparece na condição de mediação subjetiva. A importância desta obra filosófica é a posição do filósofo como viés básico para a estruturação do sistema. O

terceiro silogismo é o da Filosofia da Religião constituído na estrutura e na dinâmica do Espírito Absoluto segundo a sequência de Espírito, Lógica e Natureza (ELN). A unificação entre Espírito Absoluto e Espírito objetivo proposta por Theunissen decorre da última não como uma instância superior e extrínseca à Filosofia do Real, mas de uma nova posição do sistema filosófico em que todas as esferas assumem a função de mediação enquanto são mediatizadas pelas outras. Nessa figuração, não se atribui mais apenas a função lógica de universalidade à *Ciência da Lógica*, a particularidade à *Filosofia da Natureza* e a singularidade à *Filosofia do Espírito*, mas cada uma delas é constituída na universalidade, na particularidade e na singularidade.

Christian Topp fornece outra abordagem macrossistemática da filosofia hegeliana na obra *Philosophie as Wissenschaft*. O filósofo segue a noção hegeliana de sistema de ciência proposto no prefácio à *Fenomenologia do Espírito* e efetivado na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*. A preocupação é com o todo do pensamento filosófico através da sua exposição no sistema enciclopédico, o problema do método científico e a relação do método com o todo da sistemática do real. O livro expõe centralmente a questão abordada no presente artigo que é a exposição estrutural do sistema filosófico orientado nas relações da *Ciência da Lógica* com as disciplinas da Filosofia do Real que totalizam o sistema enciclopédico. É uma obra filosófica para verificar questões como o sistema do pensamento, a Filosofia do Real, a lógica do método etc.

A obra indicada é pontual para a abordagem da questão proposta, pois explicita a noção hegeliana de círculo dos círculos. A noção hegeliana de círculo dos círculos advém da tridimensional disposição dos círculos de cuja interrelacionalidade global advém a determinação especulativa do método e do sistema filosófico. Desta forma, cada círculo particular é constituído de três momentos entrelaçados na tríplice determinação de relações recíprocas numa estrutura de tripolaridade relacional. Neste círculo completo pode ser identificada uma bipolaridade relacional segundo a qual as relações entre as primeiras diferenças se dão com a síntese do terceiro momento, conjugando a linearidade da bipolarização, a verticalidade das antíteses com a síntese e a circularidade completa da tripolaridade

relacional. Essa é a estrutura lógica, por exemplo, do desenvolvimento metódico que começa com a Lógica do ser, evolui com a Lógica da essência e conclui na Lógica do conceito. A mesma estrutura argumentativa vale para as outras esferas do sistema filosófico. Mas o círculo dos círculos é resultado da disposição circular das três esferas entrelaçadas por relações de reciprocidade de todas em relação a todas. Nessa configuração, duas esferas são dispostas horizontalmente na constituição de relações de reciprocidade; essas duas estabelecem relações verticais com uma terceira posta mais acima como a sua síntese; e a circularidade da tripolaridade dupla entre todas as esferas. Por essa via, acontecem simultaneamente movimentos de autocircularidade de cada esfera nela mesma e de intercircularidade da reciprocidade universal na determinação do círculo dos círculos. Nesta sistemática, o círculo da transsubjetividade universal é mediatizado pela tríplice circularidade de cada esfera nela mesma, e a circulação própria de cada esfera é mediatizada pelo círculo universal.

6. Considerações Finais

No artigo pretendemos identificar os componentes do parágrafo 15 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* no qual Hegel indica de forma muito condensada os movimentos metódicos de fundamentação da obra. É evidente que o estudo aqui apresentado é superficial e breve, pois a temática proposta mereceria um estudo mais aprofundado. Por um lado, um percurso pelas obras mais sistemáticas da filosofia hegeliana identificaria muitos textos densos dessa natureza e que mereceriam um estudo mais aprofundado. Por outro lado, o texto escolhido para o presente estudo remete a muitos outros textos similares de Hegel e a importantes comentaristas de sua filosofia, dentre os quais alguns importantes foram aqui incluídos.

O estudo apresentado apresenta o desafio de integrar sinteticamente os polos da referência a um texto extremamente conciso e a estrutura macrossistemática do pensamento hegeliano como um todo. A leitura e interpretação do texto proposto apresenta questões como a estrutura própria das partes da filosofia, a progressão e as relações entre

as partes da filosofia, a relação dos círculos particulares com o círculo dos círculos, a linearidade e a circularidade do sistema, os movimentos de progressão e regressão etc. Destacamos, também, a complexa temática das correspondências entre *Ciência da Lógica* e Filosofia do Real como um critério de organização do sistema filosófico, no qual a segunda é configurada na condição de instâncias diferenciadas de efetivação da razão e aquela em diferentes intensidades de reflexividade do sistema.

O parágrafo 15 é um dos textos que nos apresenta com clareza sintética a estrutura e o movimento da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* como um todo. Dessa forma, a filosofia hegeliana não é um dualismo como em Kant, não é um monismo indiferenciado como em Parmênides e em Schelling, não é um sistema vertical dedutivo como em Fichte, mas a diversidade é constituída na unidade e a unidade na diversidade. Neste sentido, a progressão em diversidade também é progressão em unidade, em totalidade, em complexidade, superando os dualismos, as deduções unilaterais e os monismos num sistema integrador de diferenças, de reposição e atualização do princípio articulador em cada nova esfera de exposição.

Referências Bibliográficas

ANGEHRN, E. *Freiheit und System bei Hegel*. Berlim: Walter de Gruyter, 1977.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.

HÖSLE, V. *Hegels System. Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität*. Hamburg: Meiner, 1998.

HÖSLE, V. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2007.

KRONER, Richard. *Von Kant bis Hegel*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1961. 2. b.

PUNTEL, L. B. *Darstellung, Methode und Struktur*. Untersuchungen zur Einheit der systematischen Philosophie G. W. F. Hegels. Bonn: Bouvier Verlag, 1981.

STEDEROTH, Dirk. *Hegels Philosophie des Subjektiven Geistes*. Ein Komparatorischer Kommentar. Berlin: Akademie Verlag, 2001.

THEUNISSEN, Michael. *Hegels Lehre vom absoluten Geist als theologisch-politische Traktat*. Berlin: Walter de Gruyter, 1970.

TOPP, Christian. *Philosophie als Wissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter, 1982.

Endereço Postal

Instituto Superior de Filosofia Berthier

R. Sen. Pinheiro, 350 Vila Rodrigues

Passo Fundo. RS, 99070-220

Data de Recebimento

04 de outubro de 2014

Data de Aceite para Publicação

02 de janeiro de 2015